

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritório, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 25 DE NOVEMBRO DE 1893

KXPEDIENTK:

Assignatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
„ utrazado	\$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

SUMARIO.—Historia dos sete dias.—*J. do Egypto*; O Primeiro Beijo, poesia—*Gonçalves Crispa*; Botanica Amorosa—*G. Rejoudo*; Comedia Ducal, soneto—*L. Delfino*; Crepusculo Final—*Magalhães de Azeredo*; Recordações—*J. Vicente Sobrinho*; Jonglerie, soneto—*I. Martins Junior*; Gazetilha Litteraria; A Proposito de Plagios—*Placido Junior*; Inverno e Amor poesia—*Beato Ernesto Junior*; Os Collegas; Factos e Noticias; Correo—*Eurico*; Tratos á bola—*Fr. Antonio*.

Historia dos sete dias

“Não somos nada neste mundo”!

Este profundo asserto, diz a anecdota que o proferio grave individuo da humana especie ante o cadaver de um mú.

Menos molesto, graças a Deus, escapa-me aquella exclamação ante a memoria do *Javary*—nem ante o cadaver pudéra ser, porque elle jaz no fundo do oceano.

E' verdade: “Nada somos neste mundo”. Sardinha ou baleia, elephante ou formiga, imperador ou moço de estrebaria, vaso de guerra ou casca de noz—tudo é atomo de pó que varre o vento da Morte: *tout passe*.

Ora quem diria a mim que aquelle formidando cetáceo de aço e bronze, especie de Kremlin fluctuante, que arrotava trovões e vomitava mólés de ferro, como um vulcão enjoado; que era o Adamastor, sem a oitava rima camoneana, das aguas placidas e lamentosas da infeliz Guanabara, flagello da misérrima Nitheroy e ameaça da forte legalidade; quem me diria que elle havia de perecer subitamente, rapidamente, com agonia mais breve que a de uma criança!

E' tal o terror que infundem os monstros, que não acode á mente assustada a possibilidade de sua destruição.

Em vão uos eusina a mythologia grega quanto é passageira e destructivel a possança maléfica dos monstros.

Minotauro, o homem-touro, filho dos amores de Taurus e Pasiphaé, que se nutria diariamente com sete mancebos e sete donzellas, não foi morto por Theseo, guiado pelo fio de Ariadne, no labyrintho de Creta, construido por Dedalo?

Não succumbio á espada de Perseo o moustro marinho que ameaçava a formosissima Andromeda, encadeada, nua e pávida, ao rochedo, por vingança de Neptuno contra Cassiopéa, a vaidosa?

E a hydra de Lerna e o dragão do Jardim das Hesperides, vencidos por Hercules, e o dragão e os touros ignivomos da Colchida, subjugados por Jasão, e todos os outros bicharôcos hybridos e truculentos que a fabula creou e cuja noticia uos transmittiram a lenda e a traicção, todos elles não nos eusiam a fraquesa dos fortes e a pequenez dos grandes?

Mas o medo vence a razão.

Por isso o fracasso do *Javary* espalhou em redor assombro e pasmo indisiveis, que foram repercutindo de alma em alma.

Enfardados com a monotonia da revolta, estagnada, e ameaçadora, por isso, como um pantano, pediam os mais impacientes um grande caso, um feito extraordinario e violento, que viesse restituir-lhes em força emocionante, em abalo nervoso o que lhes ha roubado a revolta, privando-os de theatros, de bailes, de concertos, de passeios, de festiús, de todas as diversões habituaes.

O combate das fortalezrs tornara-se “carue de vacca;” os estampidos enormes, que, de principio, abalavam homens e casas, por fim, á força de serem repetidos quotidianamente, mal davam por elles os ouvidos e cessaram de perturbar o somno e a digestão.

Uma vez que o unico entretenimento que se nos deixou—os boatos, já era tambem de acção quasi nulla sobre os nervos, como os tiros, indispensavel fazia-se algo inventar...

E o Dedo da Providencia, defensor perpetuo do Brasil, veio ainda em socorro dos flumienses moribundos... de tedio.

Elle, que para entreter-lhes os ocios, produzidos da suspensão do trabalho e paralysação dos negocios, empurrara o “*Republica e outros*”—como se diz em Juizo—para fóra da barra e ateiara fogo aos paíões de polvora do Mocangué e da Ponta do Mattoso, produzindo duas lindas explosões, não se fez surdo, ainda desta vez, aos rogos bocejantes de tantas e tão boas pessoas e... furou o costado do *Javary*!

Bemdicto e louvado sejas, o' Dedo, por haveres atirado ás famulentas pautheras do uosso tedio essa farta ração de interesse, que ha de alimentar-as tres dias!

Além da utilidade de apressar o desfecho desta insupportavel e dolorosa crise da vida nacional, teve outra, a seguinte, o naufragio

do *Javary*: deu uma pincellada de tragico no painel da revolta *ad usum Gallorum*...

Os fraucezes não podem consolar-se da “falta de tragico” das revoluções brasileiras.

Elles nos perdóam tudo, meus isso. *Blasés* até á medulla, embotados de catastrophes europeas, alongam olhos esperançados para as longes e virgens plagas da America *hespanhola* (incluido o Brasil!)

Querem fazer do Brasil a *ménagerie* que os distraia. Vamos, meus irmãos, fabriquemos hecatombes para divertir a França.

Ella é tão nos-a amiga!

Prohibio a emigração de seus filhos para a terra da febre cor de ouro—do nosso ouro, que lhe dá febre—; republicaua, guerréa a nossa republica, amesquiha os uossos feitos, troça e desmoralisa os nossos homens, calumia a nossa historia, a nossa geographia, os uossos costumes; magôa-uos, aviltanos, perseguc nos, desconhece-nos...

E que nos pede, em troca de tantos e tão excellentes serviços, de tanta e tão desiute-ressada estima?

Apenas, a convenção litteraria e... um pouco de tragico.

Fabriquemos horrivel, manipulemos pavoroso para desenfaral-a, á inimiga das republicas americanas e amiga da autocracia russa.

Partiu-se-me de dó o coração, já combalido por tantos golpes, ao ler na *Revue Encyclopedique* de 15 de Outubro o artigo que uos dedicou o seu collaborador Albert Lefort—obra prima de mentira e disparate, maravilha de tolice e má voutade, e que termina com esta bomba real, *real* a todos os respeitois: “*Peut-être l'astre du duc Auguste de Saxe, petit fils de don Pedro II, qui servait parti pour le Brésil, se lève-t'il à l'horison; que le duc soit acclamé par tous ou qu'il doive au-si succomber un jour, peu importe: là bas les denouements ne sont pas tragiques*”

Lêram com attenção? E que tal! Que a monarchia volte ou não volte, que, no primeiro caso, haja de cair novamente, que importa? Isso nada faz ao caso. Tauto vale uma solução como qualquer outra, uma vez que todas ellas são comicas. Tudo é *pour rire*. E' tndo padega.

Por isso não veio fóra de tempo o naufragiosiuho do *Javary*, porque é possivel que *dame France*, lendo a descripção da catastrophe, se digne de ter para uós as seguintes benevolas expressões:

—*Pas mal, pas mal... Ça promet de finir bien...*

JOSÉ DO EGYPTO.

O PRIMEIRO BEIJO

(INÉDITA)

Comigo tinhas deixado
Da waia os doidos volteios,
Crença dos meus anhelos!
Em ondas sobre teus seios
Cahia o véu perfumado
De teus doirados cabellos.

Sosinhos! além nas fallas
Entre o cortejo das bellas
A farga, o dolo, a mentira!
Sómente ali tuas fallas,
A lua, o céu, as estrellas,
E das ramagens a lyra

Minh'alma, sonho ditoso!
Como a folha palpitava
Ao languor d'aquelle harpejo,
Que de teu labio manava;
Sorrias, lyrio mimoso!
Beijei-te... rapido beijo!

Estremeceste, e corando
A mão de branco enluvada
No seio a medo poisaste,
Silente, fria, magoada;
Ajoelhei-me chorando;
Num beijo me perdoaste.

Agora no meu retiro
Quando recordo o passado,
E nos meus braços te vejo,
Meu peito aneia, deliro!
Ergeu-me a um céu estrelado
Aquelle primeiro beijo!

1868

GONÇALVES CRESPO.

BOTANICA AMOROSA

III

O dia continuava quente e luminoso. De quando em quando, como que a pre-nunciar a approximação da tarde, uma brisa agradável, impregnada de perfumes agrestes, atravessava a floresta, fazendo rumorejar a folhagem. Uma ave pequenina e canora veio do alto pousar á margem do regato cantante e, depois de saciar a sede no fio crystalino, entou o seu trino festivo. Depois, essa avesinha saltou para um arbusto proximo e, de repente, eu e ella vimos a fronde desse arbusto mover-se, inclinar-se para o chão, unindo-se as suas folhinhas rapidamente umas ás outras, como se se encolhessem de medo.

E ella, a minha amada, surprehendida com o inesperado movimento da planta, perguntou-me, admirada e curiosa:

— O que foi aquillo?

— Aquillo é a "sensitiva", minha querida, uma das taes plantas que tem nervos.

— E o que foi que a obrigou a fechar as folhas?

— O medo da ave que nella pousou.

— O medo!...

— Sim; a sensitiva é dotada de uma sensibilidade extrema; basta um ruido, um ligeiro toque; a sombra de uma nuvem que por um momento obscurece o sol, um simples máu cheiro para determinar o fechamento rapido de suas folhas. E a prova de que é o medo que produz esse phenomeno é que, se transportares uma sensitiva em um vaso para dentro de um carro, ella se fecha ao primeiro movimento do vehiculo e fechada se conserva durante algum tempo. Mas, uma vez habituada ao movimento, ella reabre as folhas e as mantem abertas d'ahi por diante, a despeito de todos os choques e solavancos do carro. Ora, se é o movimento do vehiculo que determina o fechamento das folhas da planta, parece que, persistindo a causa, deve persistir o effeito. No entretanto, a causa persiste e o effeito cessa ao fim de algum tempo, o que prova que é receio de um

perigo qualquer proveniente do primeiro movimento que obriga a planta a encolher-se e que, dissipado o medo, ella volta ao seu estado natural, sem mais se preoccupar com o movimento do carro que occasionou o seu retrahimento e que agora já lhe não causa temor, porque se familiarizou com elle.

— Curioso, muito curioso!... repetiu ella fixando a planta.

— Curioso e commovente a tal ponto, que a proverbial brutalidade scientifica sensibilizou-se em presença do pudor esquivo da sensitiva. Os sabios que, em regra, despoetizam tudo o que ha de mais bello e poetico com as suas denominações horripilantes e gregas, deram á sensitiva o nome quasi humano de "Mimosa pudica", ao passo que o povo, aparentemente mais cruel com ella, denominou-a "Malicia das mulheres".

— "Malicia das mulheres!... repetiu ella, pousando de novo os seus olhos travessos nos meus.

E sorrindo infantilmente, com uma pontinha de remoque no geito do seu rosto faceiro, a minha gentil companheira murmurou offendida:

— E porque não "Malicia dos homens"?

— Não podia ser, minha doce amiga; a nós outros, barbados, falta-nos o pudor instinctivo e mimoso, que é o mais bello ornamento do teu sexo. E' a isso que o povo chama erradamente "malicia"; se se tratasse de homens chamar-se-hia "maldade".

— Lisongeiro...

E, voltando-se de novo para a sensitiva, interrogou precipite:

— E esta é a unica planta que tem nervos?..

— Não; ha muitas outras, mas, evidentemente, mais crueis do que esta, que não faz mal a ninguem. Todas as plantas insectivoras ou carnivoras tem nervos, mas servem-se delles como armas ferinas para o assassinio dos pobres animaes que aprisionam.

"Darwin, o grande naturalista inglez, que mais e melhor estudou as plantas insectivoras, indica a existencia de mais de cem especies destes vegetaes curiosos.

— Mas, afinal, o que vem a ser uma planta carnivora?..

— E' um ser quasi como tu ou como eu, porque, como nós, alimenta-se de carne. Chamal-o-hias animal se este vegetal caminhasse. No entretanto a locomoção falta a alguns animaes, taes como os polypos e a esponja, que tem a apparencia de um vegetal, como elle, são destituídos de locomoção. E sendo assim, a planta carnivora, aparentemente, é mais animal do que vegetal, porque tem o movimento parcial das folhas, que falta absolutamente á esponja e ao coral.

"De resto, a carnivora é, como diz Darwin, uma planta que se fixa ao solo pelas raizes e que se alimenta pelas folhas.

— Tem então estomago a planta carnivora?

— Mais do que isso, tem o succo gastrico; a planta digere como qualquer de nós as substancias azotadas e como qualquer de nós assimila o que digere.

— Assombroso!..

— Tu já viste, minha linda curiosa, que as plantas tem coração e alma para amar, nervos para sentir, raciocinio ou instincto para agir e vaes agora ver que ellas tambem possuem visceras para digerir. Entre a grande variedade de plantas carnivoras que existem, as mais

curiosas são evidentemente a "Drosera rotundifolia", a "Dionéa muscipula" e o "Nepenthes". A "Drosera rotundifolia" é uma planta da flora europêa, de pequeno porte, que vive de preferencia nos logares humidos e cujas folhas tem a fórma approximada a uma colher cuja concha, quasi chata, é coberta de pellos ou filamentos, que se vão alongando do centro da concha para as bordas. Cada um desses filamentos possui na extremidade uma glandula que produz uma secreção viscosa e brilhante. Assim armada de pellos, a folha da "drosera" tem o aspecto de uma cabeça chata coberta de cérdas viscosas.

"Vamos a ver agora como a planta opéra para alimentar-se. Imagina que uma mosca descuidosa pousa na folha da "drosera". Como os pellos do centro são os mais curtos e estão sempre cobertos de visgo, o insecto que pousa entre elles sente desde logo difficuldade em mover-se porque o visgo o retem pelas pernas e pelas azas ao limbo da folha. Mas para que elle absolutamente não possa escapar-se dessa armadilha, os pellos dos bordos da folha, mal o insecto pousa entre os pellos centraes, começam a curvar-se lentamente para o lado do animal e, dentro de alguns minutos, cobrem-n'o com uma rede de tentaculos, que o não deixam mais sahir. Fica assim aprisionado o insecto e, desse momento em diante, começa a planta a opérra no sentido de o matar e de o digerir. Desse trabalho se incumbem os proprios pellos, que excretam o liquido viscoso, o qual representa o papel do nosso succo gastrico, destinado a dissolver ou digerir as substancias azotadas. E, assim, atacado por esse liquido em extremo corrosivo, o pobre insecto morre entre as garras da "drosera" e é por ella assimilado como um manjar delicado.

— Mas, é a descripção do polvo a que tu acabas de fazer.

— Precisamente, minha adorada amiga; a "drosera rotundifolia" é a "pieuvre"; essa pavorosa "pieuvre", que enlaçou o pobre Gilliat entre os rochedos do oceano. Mas, peor talvez que a "drosera" pela perfeição da sua armadilha é "Dionéa muscipula", que pertence a mesma familia, mas que só floresce na Carolina do Norte. Conheces a ratoeira de ferro, composta de dous aros eriçados de dentes, que esmagam o rato pela compressão violenta? Pois a "Dionéa muscipula" faz lembrar essa ratoeira. Imagina uma folha commum, delgada até certo ponto e que, de repente, se expande em dous lóbos, que se movem em torno da nervura mediana da folha como as azas de uma borboleta em torno ao thorax do insecto. Imagina ainda que cada um desses lóbos tem no centro tres pellos dispostos triangularmente e que os bordos desses mesmos lobos são eriçados de espinhos. Ahi tens a armadilha da "dionéa" muscipula. Como opéra ella? De um modo simplicissimo. — Os pellos dispostos triangularmente no centro dos lóbos são dotados de extraordinaria sensibilidade e excretam um liquido que attrahe o insecto. Apenas o incauto animal pousa na armadilha da "dionéa" e toca em um desses pellos, o systema nervoso da planta irrita-se e immediatamente os lóbos caminham rapidamente um para o outro, justapondo-se, como as azas de uma borboleta em repouso, e aprisionando o pobre insecto que, em balde, se debate dentro dessa prisão singular. A força de contracção dos lóbos da "dionéa" é prodigiosa e o insecto póde debater-se á vontade dentro

dessa prensa, que os lóbos não se abrem, mantendo sempre os espinhos dos bordos engrazados uns aos outros como dentes de entrozas, dificultando ainda mais a saída da victima. Ora, uma vez preso o insecto, começa então o trabalho de digestão da planta; o mesmo liquido excretado pelos pellos, que serviu para atrahir o animal, serve para dissolvê-lo e digerir-lo. E assim, ao fim de algum tempo, o animal é comido pela planta e só então os lóbos reabrem á espera de outro. Tal é a "dionéa muscipula".

— Extraordinario! Estupendo mesmo! No entanto, se esta planta tem raizes, parece que também deve alimentar-se por ellas.

— Effectivamente, a "dionéa" como a "drosera" tem raizes, mas são tão curtas e tão pouco fartas que apenas lhe servem de base para fixar-se ao solo e para absorver a agua. O resto faz-se pelas folhas e, tanto assim, que a "dionéa" consegue viver fóra da terra sobre um pouco de musgo humido, como uma orchidea ou qualquer outra planta epiphyta.

— Curiosissimo. E a outra de que me fallaste?

— Nepenthes?.. Essa é, de certo, a mais singular das tres. E' originaria de Madagascar e vive como a "drosera" e a "dionéa" nos terrenos humidos. A folha do "Nepenthes" tem no começo, junto ao caule, a fórma de uma de uma espada de dous gumes, cuja nervura mediana, de repente, se alonga abandonando o limbo para terminar em um ascidio operculado, que faz lembrar as jarras destinadas ao leite e armadas de tampa metálica. Esse ascidio, que é uma verdadeira urna, na qual o operculo faz o papel de tampa, é interiormente aberto de pellos, que excretam um liquido fetido como o da carne em putrefacção. O insecto, attrahido por esse cheiro, penetra na urna e naturalmente caminha por sobre os pellos que revestem o interior do gargalo. E, assim, irrita o systema nervoso da planta, determinando um movimento no operculo, que se abate sobre a urna, tapando a entrada e aprisionando o animal. O resto tu já o sabes: esse prisioneiro é digerido e assimilado pela planta, como na "drosera" e na "dionéa", e, uma vez feita a digestão da "Nepenthes", o operculo do "ascidio" torna a erguer-se, deixando a porta da armadilha aberta para a entrada de uma nova victima.

— Como é extraordinario tudo isso que descreves!..

— Uma observação ainda: deves ter notado que todas estas plantas carnivoras vivem nos terrenos humidos e alagadiços. Queres saber o motivo? E' porque são esses os logares mais procurados pelos insectos, porque nelles existe sempre uma composição permanente de substancias vegetaes e animaes devidas á fermentação produzida pelo calor e a humidade. Esses logares são, pois, propicios á caçada de insectos e por isso é que as plantas carnivoras os habitam de preferencia.

— O instincto vegetal.

— Dize antes: o "struggle for life".

— Admiravel tudo isso! Quanto desejaria eu ver uma dessas curiosissimas plantas...

— Estas, que descrevi, difficilmente podes ver, porque habitam paizes distantes: mas entre nós, aqui no Brasil, vegetam as "Aristolochias", cuja familia tem grandes afinidades com as "Nepenthaceas". A nossa flora, que é riquissima, possui mesmo a "Aristolochia

fetida", vulgarmente conhecida por "jarrinha", que floresce no campo e na matta e que também é munida de um ascidio ou urna destinado ao aprisionamento de insectos. A differença que ha entre o ascidio da "nepenthes" e o da nossa "jarrinha", é que naquelle o operculo move-se, ao passo que nesta é immovel. A armadilha da "jarrinha" é, pois, diferente da do "nepenthes" e basea-se na disposição dos pellos, que revestem o gargalo do ascidio, os quaes existem ali implantados obliquamente, dispostos de cima para baixo, de modo a facilitar a entrada do insecto e a dificultar-lhe a saída, como as entradas farpadas de uma ratoeira de arame. Nestas condições, o animal attrahido pelo cheiro de carne podre, que se desprende da "jarrinha", penetra no gargalo do ascidio e vai até ao bojo; mas, quando tenta voltar, esbarra com os pellos, que se oppõem á sua passagem, e fica aprisionado. E assim é elle dissolvido e digerido pelo liquido excretado pelos pellos e que funciona com o succo gastrico.

— Assombroso! tão assombroso, que eu quizera ver para crêr.

— Minha querida incredula, estamos na floresta e quem sabe se entre tanta planta que aqui vegeta não existirá uma "Aristolochia fetida"? A tarde convida ao passeio e ás digressões amorosas ou scientificas; dá-me o teu braço, arregaça um pouco as tuas saias (eu tapo os olhos) para que se não prendam nos espinhos dos arbustos rasteiros, embrenhem-nos pelo matto e vamos á busca desse vegetal curioso, que tanto desejas ver.

E, depois de pousar os meus labios sobre o nacar da sua mão polpuda, deixámos a margem do regato crystalino e cantante e internámo-nos na floresta, braços e mãos entrelaçados, como um casal de zagaes amorosos em busca da ovelha perdida.

GARCIA REDONDO.

(Continúa.)

A COMEDIA DUCAL

(SOMBRA E RAIOS)

Quando da raça torpe e envilecida
Ouço o ruído atravessando os mares,
E, no olvido das lutas seculares,
Que os velhos reis levaram de vencida,

Batem palmas a um louco e dão guarda
A um senhor, que os jungir tenta em seus lares,
Grito, humilhado, pondo as mãos nos ares:
Oh! quem pudéra vomitar a vida!

Deusa, que das tunicas de linho,
Se ha quem na terra dos Dantes te affronte,
Abre as azas azues, põe-te a caminhar:

Tens nesta patria amplissimo horizonte,
Em cada grão de areia achas um pinho.
Achas um coração em cada monte.

LUIZ DELFINO.

CREPUSCULO FINAL

A lampada está a extinguir-se; mal bruxoleia já, em breves assomos, a lampada da vida... Mocidade exhausta e debilissima; é a aurora que de repente se tornasse em noite, sem passar pela candente luz do meio-dia... Assim definhava, em longos meses de enfraquecimento, aquelle triste de vinte annos; e immovel diante do crepusculo via estreitar-se-lhe cada vez mais aos olhos o horizonte que lhe parecera tão amplo, tão

radiosamente indefinido em sonhos de imperturbavel esperança.

Explicar como toda essa robustez fecunda que sentia nas veias e nos musculos se exgotara de modo tão imprevisto — nem elle o sabia, nem o sabia ninguém. Que raio de colera divina o fulminara? que maldição, que praga infernal o ia mirrando de instante a instante? Cada segundo que volvia ao passado, roubava-lhe alguma coisa; e o mais horrivel do seu mal era esse depauperamento vagaroso, mas seguro, bem accentuado, palpavel quasi....

Reconhecer o saltador escarninho e perverso que o despojava do seu ser, do seu sangue, da sua medulla, e não lhe ser dado erguer as mãos para defender-se — renovar a lucta fremente de Jacob e do anjo — que, ao menos assim, tivera a agonia o relevo glorioso de um combate lealmente perdido. Não; a medicina disputava o terreno á morte, palmo a palmo; e o carinho da familia, os extremos de sua mãe, sobretudo, pareciam protegê-lo e atemorizar a fatalidade.... O seu caracter energico resistia também, e, em certos momentos, encarando face a face a idéa temerosa do nada, que á sua vista se corporisava, elle tinha nos labios um nobre sorriso estoico de desafio e desdém.

Então, o poder de uma vontade superior animava-lhe o organismo fragil, como um cordial maravilhoso; elle forçava o cerebro a pensar, a phantasia a crear formas opulentas, os pulmões — os miseros pulmões esphacellados — a respirar em plenos haustos o ambiente sadlo e fresco da primavera juvenil.

— Quero viver! quero viver! — dizia.

Viver! Esta palavra tinha um sentido magico para elle, e a sua alma se agarra a todos os objectos que lh'a lembravam, com o vigor de um naufrago prestes a tocar o porto. Viver!

Mesmo da janella do seu aposento socegoado, como o universo se lhe offercia, vasto, rico, formoso, incommensuravel! Elle almejava, na sua ancla de viver muito, abrir os braços e abrangê-lo todo, n'um amplexo de fremente cobiça e de infinita ternura. Condemnado á melancolica reclusão, dando apenas alguns passos pelo jardim nas manhãs serenas de estio, o amor da natureza — intenso, phrenetico amor de homem primitivo — o arroubava em extasis de ambição desregulada; elle se achava pequeno, miseravel e queria "sahir de si mesmo"; crescer, crescer, e espalhar-se pelo mundo inteiro, transformando-se na "alma rerum" do ideal pantheista.

Viver! mas isto sim, que seria viver! Ser astro e flor, lago e bosque, chamma e brisa, aroma e luz, aguia e leão, nuvem e oceano — ser Tudo!

E a imaginação do enfermo, como o ginete de Mazeppa, galopava ás soltas pelo cahos do desconhecido e do impossivel; e regressava de lá exausto, dolorosamente desequilibrado, para perder-se de novo nos desvarios da febre.

Febre constante e pertinaz, que o devorava como fogo. Era uma pira o seu corpo vacillante, a pyra do ultimo sacrificio aos deuses! Ia sahir dali consumido, e aos vermes da terra pouco lhes custaria levar a cabo a obra de destruição....

Ao despertar do delirio, ou do sono comatoso que de vez em quando o prostrava, elle via, velando ao pé do leito, o Spleen, filho do tedio e do pavor, monstro de olhos felinos, companheiro sinistro para muitas horas de jornada. Fitava-o aterrado, a esse phantasma

precursor da Morte; e, em torno d'elle, e em toda a parte, sombrias visões se accumulavam.

Era-lhe então mais pungente que nunca a saudade dos bens que não gozara, a nostalgia do paraíso de felicidade que não possuiria; e dominava-o todo a convicção da impotencia humana, victima de uma Lei descaravel, que nem revoltas, nem lagrimas, nem preces conseguem desarmar da sua imutabilidade.

Resignava-se; para que combater? dava-se por vencido. A sua resignação, porém, em circumstancias taes, não era dessas que em si trazem um conforto intimo e uma serenidade sobrenatural; era a resignação amarga e corrosiva dos que cedem tudo a um inimigo cruel, que á suprema força reúne a astucia suprema...

Tudo o que ideara! tudo o que o seduzira em tempos melhores!... O' bolhas de sabão irisadas! ó fulgores fatuos que vos evolaveis do chão corrupto de um cemiterio! Pois era dessa maneira que a sorte correspondia aos seus votos ousados, aos seus anhelos palpitantes? Não obteria nada? Então, por que desejar tanto? Por que não nascera estúpido, bruto, exclusivamente material, incapaz de comprehender mais que o visível, o tangível? Não fora melhor mil vezes ser um ente inferior, um homem-animal—talvez um animal posante e vullido, que só a velhice aniquilaria? Oh! que inveja! que inveja tinha elle ao bronco e solido lavrador que ali, no proximo campo, rasgava rudemente os seios da terra, interrompendo o trabalho duas vezes ao dia, para comer como um touro e emborcar enormes canecas de vinho!

— Feliz—pensava—feliz aquelle! Vão lá fallar-lhe de sciencia e de gloria, de amor e de arte, de qualquer dessas chimeras ócas com que me embriaguei desde a infancia! Elle não é tão louco que troque por illusões perigosas uma só migalha do seu pão quotidiano...

A força physica! a saúde! eis ahí a aspiração irrealisavel do seu espirito de doente. Fraco, humilhado no seu proprio conceito, precisando de alheio socorro para a minima coisa, encarnava na saúde, fibrosa e sanguinea, corpulenta e elastica, o dom mais precioso da Providencia. Ella valia mais que o talento, mais que a virtude; e, quando essa idéa se exacerbava, tomando a violencia de uma allucinação, o pobre tísico chegava a confessar, com um sorriso triste, que Chopin nada era, na sua belleza rachitica, ante qualquer Hercules de circo...

Quando os negros pensamentos o atormentavam, só havia para elles um lenitivo—a musica. Esta sempre exercera no seu temperamento um influxo benefico; mas, ao decorrer da molestia, o ouvido se lhe apurara, os nervos haviam adquirido uma vibratidade mais aguda e subtil, que lhe permittia apprehender nuanças imperceptiveis para os outros, haurir o perfume, a côr, a alma das notas, como si ellas foram seres vivos...

Sua irmã, docil e bondosa, que o estremecia com verdadeira adoração e lhe adivinhava os mais occultos desejos, sentava-se ao piano; alta, de louros cabellos, de formosura grave e piedosa, trazia á mente a imagem de Santa Cecilia, tocando sacros hymnos no harmonio legendario... Chopin era o autor predilecto do enfermo; seduzia-o por muita coisa da sua mysteriosa existencia; mor-

raera joven, tísico; um amor ardente, impetuoso, invencível o consumira, nos braços de uma mulher illustre; e o seu genio original, requintadamente sensível, sabia traduzir todas as torturas de um coração insaciado, todas as afflicções de um organismo doente, todas as duvidas de uma alma essencialmente moderna. Naquelles accordes elegiacos, de uma delicadeza morbida e trabalhada, o moço infeliz, vacillante á beira do tumulto, descobria melhor que em si proprio essas emoções da ultima hora, que só á musica é dado exprimir.

No canto mais obscuro da sala, reclinado na preguiçosa forrada de pellucia, elle escutava attento, embevecido; sobresahia na penumbra a macillenta brançura do seu rosto, e a extranha fixidez do olhar, abrazado de febre. Entre elle e o espirito do compositor, que sua irmã tão bem interpretava, ia-se travando um desses dialogos complicados e transcendentales que ninguem—afora os interlocutores—póde comprehender. Conversações como nós temos não raro com um grande poeta atravez das suas estrophes—conversações com almas immortaes, que pairam em mundo superior ao nosso...

Outras vezes, era elle mesmo quem entregava ao piano as suas derradeiras confidencias. Pelas teclas sonoras deslissavam os seus dedos afflados, pallidos como ellas, de marfim exangue; e alavava-se pelo ambiente uma harmonia tremula, suave e lacrymosa como o extremo queixume de uma vida que se esvahe... Elle não se detinha nos trechos de Chopin; inspirado, tornava-se creador; e, sem que a minima fadiga revelasse o seu esforço, compunha melodias novas sobre o motivo—sempre o mesmo, porém inexgotavelmente vario—das aspirações humanas vencidas pela fatalidade.

Então, possuido de uma chamma interior, cujos reflexos o transfiguravam, expandindo-se em aureolas matinaes ao redor da sua fronte, sabia de tal modo transmittir á musica, que ninguem a ouvia sem se commover profundamente; os gemidos lancinantes, os flebeis suspiros que o contacto de suas mãos arrancava ao teclado, despertavam por seu turno em outros corações fremitos de dôr, arrepios de angustia, longas palpações de ternura... Como no celebre quadro "A ultima inspiração de Weber", parecia que a seu lado se condensassem em doces vultos femininos as visões da sua phantasia enamorada...

N'um dia esplendido, em que o sol rutilava no firmamento sem nuvens—ouro sobre azul, ó Natureza cruel—um accesso de tosse mais forte, uma suffocação de garrote, uma hemoptyse aterradora, o prostraram sobre o piano, quando, esquecido talvez por momentos do seu mal, se extasiava nos prazeres divinos da arte...

Foi para o leito, e não se ergueu mais. Dias de desalento e horror, noites tenebrosas de insomnia, povoadas de pesadelos e de sombras más! e, por fim, a morte... Nos derradeiros instantes, as suas mãos se moviam, tremulas e incertas, na alvura dos lençoes, como si percorressem as teclas n'um improviso caprichoso; depois, agarraram o crucifixo, immobilisaram-se, rigidas e marmoreas. Elle havia expirado.

O piano jaz agora, quieto e mudo, abandonado. E' uma reliquia de familia. Ninguem o abre mais; cobre-o de aito a baixo espessa capa, e sobre esta os annos têm ajunctado camadas de

poeira. Talvez, ainda, algum queixume de outr'ora, perdido e frouxo, erra ao longo das teclas; mas já não as affagam mais aquelles dedos afflados, pallidos como ellas, de marfim exangue...

MAGALHÃES DE AZEREDO.

S. João d'El-Rey, 11-XI-93.

JONGLERIE

(UMA SCENA DO SEculo XII)

Castello medieval: — ninho graniteo
A destacar n'um canto de floresta,
Sob um azul, que ninguem ha que ste-o
Tanta é a luz que banha-o. Arde em festa

O risonho solar... E vac passando
Em frente n'um delirio exul de cantos
Um trovador errante, que cantando
Deixa a floresta cheia de quebrantos.

Fazem-lhe aceno do castello, Aeóde;
Entra, e os convivas pedem-lhe uma ode
Ode de amor, como as de Anacreonte.

O menestrel tange a guitarra então;
Mas não tem voz... Morre-lhe a inspiração
No olhar da castella que tem defronte.

ISIDORO MARTINS JUNIOR.

Recife.

RECORDAÇÕES

A VALENTIM MAGALHÃES

Jacques, meu querido companheiro de infancia, lembras-te da cidadezinha risonha em que nascemos, da cidade em que nos educámos, lado a lado, com a nossa velha mestra D. Rita?

Quantas recordações! Hoje, ao escrever-te, como ellas se me avivam, como me vêm em tropel á mente os seus rusticos habitantes, os seus arredores, o morro, o circo cheio, a politicagem, tudo emfim como que renasce ao lembrar-me de ti! Parece-me sentir ainda o perfume das flores do matto e ouço ao longe o menino da rabeça a tocar o final da "Traviata."

E os passeios á venda da velha Conceição, encoilhada, encarquilhada a um canto, a vender-nos pés de moleque, os melhores que tenho visto! Lá ficavamos ouvindo a velhinha contar casos da revolução de 42, toda a tarde, sentados á porta, eu em extasi mudo perante a Natureza, que desde pequeno adorei, olhando embevecido os altos troncos nus dos jequitibás e a floresta que além subia. Pelo caminho da cidade um ou outro cavalleiro vinha erguendo nuvens de pó, com sua capa branca a voar e o palha enorme a tapar-lhe o rosto.

Lembras-te do Americo? Como ficavamos contentes ao vê-lo vir vindo do outro lado, da floresta, com o seu carro de bois carregado de tóros de madeira, e á frente de grande agulhão: "Eh! Brillhante. Eh! Mansinho", a tocar seus bois, seus companheiros, como elle os chamava, que vinham descendo! Sempre parava á porta da Conceição para beber a sua pinguinha, emquanto os bois, seguindo de vagar, iam fazendo ranger o carroção. Lembravas-te então de encarapitar-mo-nos em cima da lenha, e assim voltavamos para a cidade, ao escurecer, vendo além no morro o ultimo raio do sol morrer n'uma grotta, e o Mansinho mugir, voltando-se para o Brillhante. "Conversam os boisinhos" dizias-me baixo, chegando-te mais perto, emquanto eu rezava uma oração que mamãe me ensinara, ouvindo na cidade o sino da matriz dar as Ave-Marias.

— Eh! Brillhante. Eh! Mansinho—dizia o Americo, á frente, tocando com

o seu comprido agulhão os companheiros.

Viamos os primeiros pontos luzentes de um ou outro lampeão de kerosene e entravamos na cidade, melo a dormir com o lento balancear do carro e vendo surgir por detrás da Igreja a lua — tua primeira namorada, a quem fizeste os primeiros versos, que teu palha contente ás visitas.

Às vezes o largo da Matriz estava deserto; outras vezes erguia-se nelle o circo de cavallinhos, para grande gaudío nosso, que lá iam bater as mãos de enthusiasmo, ou fechar os olhos, assustados, se algum artista fazia evoluções arriscadas no trapezio. Iamos para as galerias com o Diniz, o esprevidado moleque de tua casa, que nos divertia com chamados á scena e bravos ás artistas mais bonitas, chefe do partido da Marquinhas, a moça galante, côr de jumbo, que saltava arcos de papel, para quem elle sempre arranjava um raminho de violetas, que lhe la levar no intervalo, contando-nos proesas quando voltava:

— Ih! Nhônhô Jacques, que pernas!

E ria-se perdidamente, mostrando seus dentes brancos, enquanto tu prometias queixar-te á mãe do Diniz, a velha Thomazia, que fôra tua ama de leite, e que com uma vara de marmello ainda castigava o filho, já grande. Mas não te queixavas, bem sabla o moleque, a quem ás vezes também pedias que te levasse "lá" para ver aquella pequena que trabalhava no trapezio e que se chamava a... a... Nem me lembra já, meu amigo, como ella se chamava, a menina do trapezio, com seus cabellos soltos e os olhos verdes, com a boquinha sempre a sorrir e a atirar beljos para todos os lados.

O seu nome fol-se-me, esqueci-o, mas a sua figura, como vês, ficou-me, e, fechando os olhos ainda me parece vel-a a balançar-se no espaço...

No dia seguinte contavamos aos meninos da escola o que vramos—alguns já tinham lido, outros iam naquella noite, e outros... e outros nunca iam, como o filho do Brum o sapateiro, que nos ouvia tão triste, o coladito, e que nos fazia repetir as pilherias do palhaço que trazia sempre um "relógio" no "az" dos calções... Lembras-te do palhaço, Jacques? Tenho visto outros, muitos outros (não só nos circos, como na vida real), mas nenhum me fez rir tanto. E o Brum não se cansava de ouvir-te, fazia-te contar toda a função, e assim se passava o recreio, ind) tu ainda contar a pantomima na sala de estudo, disfarçando, fingindo que estavas lendo, para a D. Rita não perceber, e enthusiasmo pela attenção e risos abafados do italianito, distrahiás-te e elevavas a voz...

— Jacques! — gritava a velhota — Silencio.

Ouviam-se as moscas voar, e olhavas de soslaio a D. Rita, que, sentada a uma mesinha, puxava agora seu grande lenço de ramagens, cuspiá nelle e, dobrando-o, o guardava.

Já me estou estendendo muito; adeus, meu caro Jacques. Quantas saudades dos tempos da meninice e como eu sinto ainda, ao escrever-te, o perfume agreste das flores do matto! como me parece ainda ouvir os contos da Conceição e o Americo ao descer a floresta.

— Eh! Brillhante, Eh! Mansinho, Eh!;

JOSE' VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, 1893.

GAZETILHA LITTERARIA

Publicamos hoje uma poesia inédita de Gonçalves Crespo, intitulada "O primeiro beljo".

São umas ligeiras e delicadas sentilhas, escriptas em 1868.

Devemos a felicidade de brindar os leitores d'A SEMANA com um inédito do primoroso artista das "Miniaturas" e dos "Nocturnos" á extrema gentileza do nosso collaborador Dr. Garcia Redondo, que foi amigo particular e discípulo do poeta em Coimbra.

Sobre a authenticidade do autographo não temos a minima duvida, não só pela pureza da fonte de que nos veio, como por ser a letra innegavelmente a do saudosissimo poeta.

Ao mimos fantasista dos "Arminhos" confessa-se muito reconhecida esta folha pelo régio presente com que a honrou.

No proximo numero publicaremos uma poesia inédita de Gonçalves Dias.

Fica prorogado por mais 15 dias, a contar de ante-hontem, o prazo do 2º plebiscito litterario.

A PROPOSITO DE PLAGIOS

O meu amigo particular e distinctissimo poeta Victor Silva, ha dias vendome na rua do Ouidor, travou de minha mão com toda a resistencia da nossa amizade—e esboçando um sorriso, d'aquelles, que nós bem conhecemos, atirou-me essa granada que varou-me o cerebro e fez explosão, no cantinho onde guardo a poesia:

— Placido Junior accusado de plagio do Sr. Bento Ernesto Junior, "Gazeta de Pitangua."

Fiquei aterrado; sem pinga de sangue. Disse-lhe; conta-me isso, como fol? Onde, como se deu o caso?

Então o meu adoravel amigo disse-me que o Sr. Bento escreveu á SEMANA uma carta em que dizia ter encontrado muita semelhança entre um soneto meu, e uma chroniqueta "gelada," é o termo, que com seu nome por leme, singrava as encapelladas columnas da "Gazeta de Pitangua."

Meu pobre soneto, meu sentido, meu vibrado soneto, versos, que por uma tediosissima noite me trouxestes um clarão de alegria, como foste, feliz oh meu soneto!

Tens uma irmãsita chlc e friorenta, que faz: Brr, que se veste quasi como tu te vestes e que demanda o mesmo ideal que demandas.

Ah! Sr. Bento que prazer para os meus versinhos...

Sobre inverno, sobre gelos, elles diziam bem pouco é verdade, mas aquillo era da alma, delles. Vibravam modestamente e sem orgulho, e sentiam-se felizes por isso.

E agora—oh alegria suprema—já elles pôdem dizer que fallam de cadeira, porque aquillo que dizem já foi dito pelo Sr. Bento em um conceituado jornal.

Eu é que não concordo que os tagarellas dos meus versos, se afinem pelo mesmo tom da chroniqueta... porque emfim ella sempre é mulher e não consinto o meu soneto em bulhas com mulheres; tanto mais que elle guarda nas suas estrophes, a minha amante, e a

chroniqueta guarda dentro de seu gelo a amante do Sr. Bento.

Ah! a minha amante, aquella que tem olhar dormente e dá-me a chamma rubra dos seus longos beijos.

Não imagina o Sr. Bento como é bella e distincta.

Fidalga de mãos esguias, de olhos languidos e que... me matam.

Tem volupia nos olhos, tem volupia na voz. E' minha quero-a muito. Hei de fazer-lhe mais versos.

A' sua amantissima não tenho o prazer de conhecer, Sr. Bento, mas presumo que também seja uma rapariga elegante e fidalga, tanto quanto exige o seu aprumo de homem de espirito.

Não sei si tem olhos negros ou verdes, se toca piano, se é amadora de passaros, se pinta aquarellas por gosto, sei apenas, e isso pela trombeta da sua chroniqueta, que como a que me adora, tem olhares ardentes no tempo do frio.

Agora um pequeno obsequio.

Como acaba de vêr, Sr. Bento os nossos temperamentos têm mais ou menos a mesma vibração tanto que estou até receioso de publicar mais trabalhos sem que encontre o semelhante nos seus papéis velhos: Assim se alguma vez encontrar outro trabalho meu, que se pareça com outro de sua lavra, tanto quanto o meu "Inverno," se parece como o seu "Frio," escreva-me a mim sobre o assumpto.

Concorda não, Sr. Bento? Seu obrigado

PLACIDO JUNIOR.

INVERNO E AMOR

A noite é má. Forte, raiosa
Passa a lufada como lufada:
Eu uno a bocca á saborosa
Polpa fina de tua bocca.

Horrida são nos espaços
A voz enorme do trovão:
Tremes... Sorrindo eu abro os braços.
Ave, e te estreito ao coração.

Lá fôra a chuva a jorros tomba
Por sobre o monte, o valle, a fragua:
Aqui os nossos beljos, pomba,
Estalam mais que as gottas d'agua.

Uma lufada abre as janellas...
— Que noite escura, sem luar!...
Vejo, porém, luzir estrellas:
E' teu radioso, ardente olhar.

Estala o beijo, o ralo estala,
A treva foge ao ver-te, flôr;
A agua ruje, mas nesta sala
Falla mais alto e forte o amor!...

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará — Minas.

OS COLLEGAS

A REVISTA

Sob este desprezencioso titulo fundou em Pariz o nosso distincto confrade Xavier de Carvalho, o esplendido chronista e correspondente, alli, do nosso presadissimo collega O PAIZ, um quinzenario illustrado, cuja direcção litteraria assumio, cabendo a artistica ao talentoso artista portuguez Jorge Coliáço.

D'A REVISTA só nos chegaram ás mãos dois numeros, o 5º e o 6º.

Excellentes, quer quanto á parte litteraria, que é muito variadamente collaborada por escriptores portuguezes e brasileiros, sobrelevando as scentillantes chronicas parisienses firmadas por Xavier de Carvalho quer a artistica, que dá retratos, entre os quaes o de

Quintino Bocayuva, vistas, reprodução de quadros, figurinos, etc.

D'A REVISTA é correspondente litterario no Brasil o nosso director, a quem o d'A REVISTA se refere com expressões e conceitos nimalmente amaveis e benevolos.

Para o fim de bem corresponder a essa honra, já começou o nosso director a enviar á REVISTA produções de escriptores nossos e convida os collaboradores d'A SEMANA a colaborar n'A REVISTA.

Os trabalhos destinados a esta devem trazer na primeira tira a declaração: "Para A REVISTA" e ser endereçados a "Valentim Magalhães, na redacção d'A SEMANA".

De seu lado, promette-nos Xavier de Carvalho a collaboração de escriptores portuguezes — o que já começou a cumprir, pois foram por elle enviados os versos de poetas portuguezes que temos publicado.

Desta fórma, estabelecer-se-ha uma permuta util a ambas as folhas e á litteratura dos dois paizes, sobretudo á nossa, que é bem pouco conhecida em Portugal, onde A REVISTA conta o seu maior contingente de leitores.

E' com prazer que registramos o apparecimento de mais um collega, L'ECHO DU BRÉSIL.

Tem como redactor-chefe o Sr. Georges Héralut, secretario da redacção o Sr. Felix Bocayuva e administrador o Sr. J. Cateysson. Traz por divisa "Pour et par la vérité".

Em curto artigo, epigraphado "Notre but", annuncia ser a sua missão "sustentar no Brazil os interesses estrangeiros, defender na Europa os interesses brasileiros".

E' um grande e bello programma, revellador da boa orientação e das intenções excellentes dos jornalistas estrangeiros que se propõem executar-o.

Promette conservar-se alheio ás "questões irritantes de politica local, uma vez que não affectem os interesses estrangeiros, e, mesmo neste caso, de manter attitude digna e prudente, comquanto energica."

Em face da horrivel situação politica actual, declara-se neutro, isto é, diz que não se inclinará para nenhum dos dois partidos.

Por ultimo, affirma evitará todas as polemicas e questões possiveis entre membros das colonias estrangeiras, porque a "saberia das nações" ensina que "a roupa suja lava-se em casa".

E' bem feito e muito promettedor este numero de L'ECHO DU BRÉSIL.

Abre com um criterioso e bem lançado artigo de Ferreira de Araujo, no qual, sob o titulo "Les étrangers" traça um quadro verdadeiro da vida delles no Brazil; do qual se conclúe que elles têm o maior interesse em que haja boa politica, para haver ordem e paz e que, sendo tanto elles como os nacionaes os collaboradores da grande obra commum, que é o futuro do paiz, devem reinar entre uns e outros a maior cordialidade e justiça mutua.

Outro brasileiro collabora em francez neste numero — o nosso sympatico e estimado collega Roberto de Mesquita, critico artistico do JORNAL DO COMMERCIO, com um artigo intitulado "La musique au Brésil", no qual faz a biographia de Carlos Gomes.

Noticias sobre Nitheroy e a revolta, as festas franco-russas, Mac-Mahon,

etc., completam o numero de estreia do novo collega.

Saudamol-o affectuosamente, desejando e augurando-lhe uma carreira de lutas fecundas e luminosos triumphos.

Completo no dia 17 do corrente o seu primeiro anniversario "A Opinião Nacional," o nosso proveccto collega paulista, a quem enviamos sinceras felicitações.

Em o n. d'A VERDADE (de Itajubá) de 18 do corrente publicou o Sr. Trajano Pires um artigo dirigido ao director desta folha. Agradecemos, penhoradissimos, a nimia bondade e captivante gentileza do collega e, sentindo não poder reproduzir todo o artigo, fazemol-o ao bonito soneto com que lhe deu fecho:

De Guttemberg a luz do pensamento
Surgiu no prélo em laminas douradas,
E as maravilhas do sublime invento
São hoje pelos sabios decantadas!

As impressas são hoje preparadas
Com tal arte, tal vida, e tal portento
Que gravam nossas glorias conquistadas,
—Tão claras como o sol no firmamento!

De dia em dia surgem no horizonte
Mais um jornal illuminando a crença,
Mais um genio no prélo ergueudo a fronte!

Conquistando A SEMANA a gloria immensa,
Abriu, sem medo, a crystallina fonte
—Donrada pelo sol de nova imprensa!

Factos e Noticias

Asseguram-nos que é destituida de fundamento a noticia de ter sido chamado pelo seu governo o actual encarregado de negocios da França neste paiz, M. Daubigny.

Falleceu no dia 18 de outubro passado em Vienna d'Austria o Sr. Luiz Mendes Ribeiro, antigo corrector da nossa praça.

O finado foi um homem de extraordinaria actividade e dispunha de poderosa intelligencia e vastos conhecimentos. Foi para a Europa criança e em Hamburgo recebeu as sabias lições do celebre professor Borrn, voltando já homem para o Rio de Janeiro onde entregou-se completamente ao commercio. Fez repetidas viagens á Europa e da penultima vez que lá esteve fez conhecimento com a distincta senhora D. Rosa La Croix de Laval, a quem desposou nesta capital em 1888.

Alegre, immensamente alegre, Luiz Mendes Ribeiro era o querido dos nossos salões, e as sympathias que lhe votavam eram geraes. Si teve defeitos, teve tambem bellas qualidades e praticou meritorias acções.

Ao seu sobrinho, o nosso redactor-gerente, apresentamos sentidas condolencias assim como á sua desolada esposa e Exma. familia.

Falleceu no dia 18 do corrente o Sr. commendador Francisco Moniz de Souza, pae do nosso distincto amigo o Sr. Dr. Sylvio Moniz, a quem apresentamos condolencias.

Lemos no "Pharol," de Juiz de Fóra, de 18 do corrente a seguinte contristadora noticia:

"SENADOR ARISTIDES LOBO.—Está em Barbacena, recolhido ao Sanatorio, o Sr. senador Aristides Lobo, que, conforme noticiámos n'um dos nossos nu-

meros passados, acha-se soffrendo das faculdades mentaes.

E' seu medico assistente o Dr. Gonçalves Ramos, director daquelle estabelecimento."

A redacção d'A SEMANA rejubila por contar no numero de seus mais dedicados amigos ao illustrado Sr. Dr. Francisco de Assis e Oliveira Braga, a quem publicamente agradece o grande interesse que tem dispensado espontaneamente á nossa folha.

CORREIO

S. F. M. L. JUNIOR.—(Outro que tem a lingua pouco lavada. Deus me dê resignação bastante para aturar tanto bicho bravo!) Illustre, vejo-me forçado a dar-lhe a mesma resposta que, no n.º 11 d'A SEMANA, dei a um tal Sr. Pantaleão. Esfregue-se, illustre Junior, e appareça depois. A lavagem nunca fez mal a ninguém.

O dinheiro com que me devia pagar o conselho benefico que lhe acabo de fornecer, reserve-o Sua Mercê para a compra do sabão de que precisar para a limpeza... da lingua pelo menos. Falle-me em Cassange, com todos os diabos! mas, em todo caso, em Cassange lavado. Veja se lhe póde tirar ao menos um pouco da catanga!

SR. DIABOLINO.—Vejam a sua poesia "Alma damnada," que me está cheirando muito a enxofre. Vejamol-a;

Est'alma espojo ás vezes no Inferno de Luxuria,
Rebolco na Incensatez!
E tem o riso mau de homens da raça espurta
Ladrando atraz dos réis!
E assim minh'alma então mephistophelizada

O que?!... Isto não é com o filho de meu pai!

Credo! Cruzes demonio!... Bota nas areias gordas! Fugite, partes adversas... Figas, pé de pato! Arreda, morcego peçonhento! Valha-me a Senhora d'Agrella, que não lia santa como ella... Credo em cruz! Nossa Senhora Mãe dos Homens, me proteja por quem é! Vae p'ra a banda do canhoto, vampyro!... Vae-te lavar nagua salgada, Tinhoso velho! Vae-te embora, Belzebuth, Espirito Mau, filho da Escuridão!! Abrenuntio! Tarrenego!!! Afasta os chavelhos, bode maldicto, rabudo catinguento!!!...

Não sou eu que embarco naquella canôa! Com Charonte não quero brinques! O homem da versalhada parece que tem o caldeirão de Pedro Botelho nos figados!... "T'arré..." porco sujo!

SR. PASSOS.—Os seus versos são tristes, mas são publicaveis. Tem algum sentimento. E' possivel que arranje lugar para elles.

SR. R. R. — Vossa Mercê, bem sabe que eu cá não sou de meias medidas, nem de caixas encouradas, portanto, vou-lhe aqui dizer sem reboços: A phantasia em prosa que, em má hora nos mandou... a sua phantasia, nem para bucha de espingarda pode ser aproveitada! Nem para bucha!

SR. LUGAPITA. — (Este vira-se pelo avesso para vir fallar á gente. Quem não vê logo que aquelle é o Pitaluga? Pois espera que te vou tocar na mesma tecla). Meu caro Sr., estou receioso, honra de palavra! Quem sabe se SS. não cartilha pela mesma resa dos outros?! Nada! Medo escaldado d'agua fria tem gato... quero dizer: Caldo esgatado de medo frio tem agua, peor vae a seca! Iuda não é isto... Agua es-

gatada de caldo medo tem frio! E não é que cada mais me atrapaiho vez?

Emfim, vejamos a sua poetagem ba-guetica. Bravos! E' de primidade qua-lleira. Sim, senhor! é o que se macha, digo: é o que se chama poesia de es-queira pecegacho! E' disparatada de riquezas, posso affiançar-lhe. Vejo que o Senhor, no verso, é um collete de tres molleques, um inspireta poetado, o que se pôde chamar um lyra na barra, isto é, um barra na lyra!

Comtudo, tenha paciencia, mas não podemos nos entender com poetas que se viram pelo avesso.

Ha mesmo esqueanças que parecem lembramentos. Estou vendo que o Sr. é dos taes que mettem os més pelas pãos. isto de trocas boladas não é comnosco. Endireitamos de tudo pelo gosto... E' o contrario: gostamos de tudo pelo direito, o que queriamos dizer.

Mas mentereal, para asnar dizeiras não ha como o amigo, benza-o Deus! E' pena não saber se o Sr. é d'aqui da Fedetal Capiral ou se é das Uvas do Chapô ou de Santa Carangola do Luzia; porque, se eu tivesse a ventura de resi-dir a sua descobridencia, havia de ce-bolal-o de coroas!...

Em conclusão, amigo Lugapita, que-lra dar lembranças ao Pitaluga e dizer-lhe que nunca mais venha para cá com bolamento de trocas!

SR. SOBRAC.—Sim senhor; como vac essa catholica? Ora deixe-me ver lá essa borundanga que traz ahí!

Fagueira fada que me encantas os dias,
Que tens magias na pupilla aceza;
Tu és mais linda que as aves airosas,
Mas do que as rosas e mais do que uma prin-
ceza.

Ora já se viu que calamidade?

Nada! Pernas para que vos quero!

Meu amigo, enquanto eu corro, meu pal tem filho. Que ostra!...

SR. MANOEL DA HORTA — Cá rece-bemos, não arroz, mas o novo soneto que nos mandou para o "Parnaso Alegre."

Diz V. S. que este é que é o authen-tico "A uma chineza," e não o que com este titulo sahiu no numero passado d'A SEMANA, o qual devia chamar-se, como de facto se chama "Olga." Diz mais que tencionava naquella occasião mandar-nos o que agora nos manda; tanto que poz-lhe o titulo no alto do papel, mas arrependendo-se resolveu mandar-nos o que foi publicado, sem se lembrar de trocar o titulo, que havia posto, pelo verdadeiro do soneto.

Quem lhe manda comer tanto queljo? Vamos ler a tal chineza, e se a achar-mos geitosa é possível que venha á luz, senão, já sabe...

E quanto á troca que fez, cá direi aos leitores d'A SEMANA que o verdadeiro titulo do soneto do Sr. Manoel das "Coibes," visto que o é da Horta, pu-blicado no "Parnaso Alegre" do ultimo numero d'A SEMANA é: — "Olga" e não "A uma chineza."

E para que não nos dê mais estopadas desta ordem, vá colher favas e engulil-as, para ver se ellas lhe abrem um pouco mais a memoria emperrada!

ENRICO.

Tratos á bola

Derribados, arrazados inteiramente, pelos pala-dinos do costume, os castellos charadísticos que erigiu no numero passado d'A SEMANA (luminoso hebdomadario, que se acha todos os dias ás ordens de quem quizer honral-o com a sua assi-gnatura na rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar),

postos por terra os referidos castellos, não tenho outro remedio senão erigir novos, mais bem allicerçados, e é o que vou fazer.

Comçarel por dizer que quem comeu o premio d'esta vez foi Simão 40, visto que se apresentou na ponta.

Em seguida vieram, gaihardos os tiugaribas do costume.

Cá me chegou um novo theba — Aravaí, que perdeu por dous tiros.

Eis as decifrações:

- 1.ª. AVELAN.
- 2.ª. ARPOAR.
- 3.ª. LABORATORIO.
- 4.ª. { LORCHA.
- 5.ª. CHAMAZ.
- 6.ª. PAULISTA.
- 7.ª. MORULA, MOLA.
- 8.ª. LIMO, LIMA.
- 9.ª. CALICE.
- 10.ª. AMORA.
- 11.ª. ALVIO.
- 12.ª. SARDANAPALO.
- 13.ª. MALACACHETA.

E mais não direi quanto ao mel de páu do nu-mero passado.

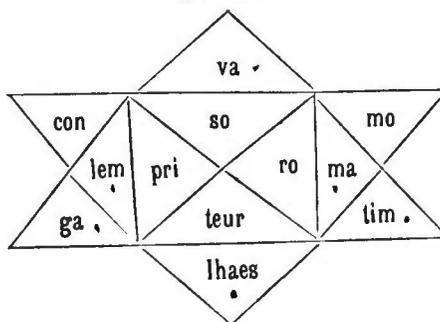
O que eu quero ver, agora, é quem tem topete bastante alto para pôr em pratos limpos a quitanda com que vou mimoscar, d'esta vez, os quatrocentos e vinte e sete mil oitocentos e cin-coenta e 3/4 leitores d'esta apreciadissima se-ção, cuja fama, já está para lá do Atlantico! Já ha quem tenha visto revoando por cima dos An-des... E' brineadeira?!

Destá vez quem desparafuzar toda a trapi-zonga abotó-se com um premio capaz de fazer esbugalhar o olho esquerdo do diabo mais velho.

Agora, passemos ás novidades novas.

CHARADA ENYGMATICA

A SEMANA



TARECO.

Sou uma parte do corpo—2
No matto sou encontrado—1
Decifrem, oh charadistas
Este peixe apreciado.

BIBLIOPHILO.

CARLOTIANAS

Exemplo

O cai — ça + fa é dignidade—3.

Explicação

Estas charadas inventadas por AMOR PER-ferito decifram-se do seguinte modo:

Achada a primeira palavra, troca-se a syllaba indicada pelo signal (—) que deve ser forçosamente a ultima pela indicada pelo signal (+) devendo estas palavras satisfazer os requisitos.

O cai — ça + fa é dignidade—3.

Decifração: Caliça que significa CAL. Tirando-se a ultima syllaba e acrescentando-se FA, resta caliça que é uma dignidade. Logo a decifração é Caliça—Caliça.

Dada esta explicação pelo proprio autor, passo a dar algumas do genero a ver se os TURUNAS conseguem mettel-as no papo. Ah! vão.

CHARADAS CARLOTIANAS

(A FREI ANTONIO)

O cadafalso — que + quin é feito—3.

O animal — jo + go é raiz—3.

As conchas — la + ta são flores—3.

AMOR P'ERFEITO.

ANTIGA

Por ser medida—1

No metro está:—1

Aqui (duvida?)

Rio verá.—1

—

Vae flôr mimosa

Agora achar.—1

Terra formosa!

Quer lá morar?

LORD NECKWER.

NOVISSIMA

Na musica, no lar, no mar—1—2.

MARQUEZ.

A LILAZIA

A parente aqui é medicinal—2—1.

Procura o adverbio na lista—2—2.

A flôr andava com eximia charadista—2—2.

HARRY CLIFFORD.

Agora o velho ermitão:

Este numero ás avessas é uma alimaria—1

Qual é o passaro que é formado por um 7 entre duas unidades, estando a primeira pelo avesso?

E mais nada por hoje.

VIOLETINA.—Respondo agora ao que me pelo na sua ultima carta.

A julgar pelos versos que tem submittido a minha apreciação, acho que lucraria muito mais se, em vez de poesias, produzisse charadas.

Neste terreno é inimitavel e invencivel; no outro, permitta que use de toda a franquesa, é fraquinha.

Precisa de ler os bons versejadores e de pro-curar sempre melhorar o mais possível as suas produções.

Trate-as com mais carinho e amor que ellas vingarão e lhe darão gloria. Exaço é que devia responder-lhe; mas, como aquillo é um mal-criado, resolvi responder-lhe eu mesmo.

Está satisfeita?

Aos TURUNAS peço que não deixem de ooa-djuvar com a sua preciosa collaboração, para todo o sempre. Amen.

De Minas veio em primeiro lugar DOM CARA-LINO II.

Seguiram-se: FAZFOGO e LAMBETUDO.

De S. Paulo os Srs. NEOPHITOS PAULISTAS car-regaram mal a espingarda, pois falhou um tiro.

Agora não de permittir que os cubra... com a minha benção.

FREI ANTONIO.

A SEMANA

São representantes e agentes d'A SEMANA

Em S. Paulo — Os Srs. José Filinto da Silva e Achilles Spilborghs.

Em Santos — Os Srs. Azevedo Sodré Junior e Weinmann & C.

Em Campinas — O Sr. A. Genoud.

Em S. Carlos do Pinhal — O Sr. Carlos de Carvalho.

Em Tieté — O Sr. Julio Garcia Vieira.

Em Ouro Preto — Os Srs. Zoroastro Pires e J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora — Os Srs. Annibal Ja-guaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d'El-Rey — O Sr. Arthur Al-vim.

Em Barbacena — O Sr. Dr. Feliciano Penna.

Na cidade de Palma — Os Srs. Randolpho Barbosa & C.

Em Porto Alegre — O Sr. A. Mazon.

Na Parahyba do Sul — O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos — O Sr. Mario Fontoura.

Em Santa Theresa de Valença — O Sr. Antonio de Aveilar Werneck.

Na Victoria — O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia — Livraria Olivieri, do Sr. Fer-nando C. Koch.

Em Sergipe — O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió — O Sr. Enéas Moreira, a Li-vraria Franeiro e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco — Os Srs. Dr. Isidoro Mar-tins Junior e Hugo & C.

Na Parahyba — O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte — O Sr. Ma-noel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza) — Os Srs. Antonio Moreira de Souza e Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité) — João de Pontes Medeiros.

No Maranhão — Os Srs. Ramos d'Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas chegem, gostosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da "Semana".

No escriptorio d'A SEMANA, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar, accitam-se encomendas de trabalhos typographicos de qualquer natureza, ag-rantindo-se a modicidade nos preços e absoluta nitidez.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Wernéck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etcPIANOS E MUSICAS
FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Instituto Boscoli

EDUCAÇÃO MORAL, INTELLECTUAL

E PHYSICA

Rua de S. Christovão 228

Estão funcionando todas as aulas.

O Director,

José Ventura Boscoli.

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N. 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papellaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.